



INSTITUTO PORTUGUÊS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

OCCASIONAL PAPER N.º 55
AS DECISÕES DE SETEMBRO¹

Carlos Gaspar,
IPRI-UNL

11 | Setembro | 2013

Os atentados terroristas do 11 de Setembro de 2001 foram uma surpresa para os decisores norte-americanos, completamente impreparados para responder a uma situação inédita – “an unthinkable event”, como escreveu Condoleezza Rice, a Conselheira Nacional de Segurança do Presidente George W. Bush, numa alusão deliberada a um ataque nuclear² - e brutal como a destruição do World Trade Center, em Nova York, e o ataque ao Pentágono, em Washington.

A primeira medida foi proteger o Presidente e o Vice-Presidente dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que mandavam aterrar os milhares de aviões no espaço aéreo norte-americano. Nessa manhã clara, George W. Bush estava na Florida e os Serviços Secretos levaram-no para uma base da Força Aérea em Offutt, no Nebraska, donde regressou a Washington ao fim do dia. O Vice-Presidente Dick Cheney seria evacuado da Casa Branca para Camp David, com a mulher e o cão e, nos tempos mais próximos, o Vice-Presidente ia passar a estar frequentemente em "undisclosed locations"³. De volta à Casa Branca, o Presidente recusou-se a dormir no *bunker*, numa cama de campanha que parecia ter sido lá posta "pelo próprio Harry Truman"⁴.

¹ Uma versão abreviada deste texto foi publicada no jornal *Público* de 11 de Setembro de 2013.

² Condoleezza Rice (2011). *No Higher Honour. A Memoir of My Years in Washington*: 75. Nova York: Simon&Schuster.

³ Dick Cheney (2011). *In My Time*: 337-338. Nova York: Threshold Editions.

⁴ George W. Bush (2010). *Decision Points*: 138-139. Londres: Virgin Books.

Mas, nessa primeira noite, acabou por ser levado pela sua segurança para o *bunker*, com a mulher e os dois cães, por causa de um falso alarme.

Os primeiros dias

Nos dias seguintes, os principais decisores norte-americanos continuavam à espera de novos ataques, fechados em instalações seguras, em estado de alerta permanente e cercados de rumores que tornavam impossível qualquer decisão racional (Bush, Cheney e Rice falam nas suas memórias da sua experiência do "fog of war").

No próprio dia 11 de Setembro (Terça-feira), o Presidente, a partir de Offutt, convocou uma primeira reunião do Conselho de Segurança Nacional, por vídeo-conferência, às três da tarde – Dick Cheney e o Secretário da Defesa, Donald Rumsfeld, conseguiram chegar à Casa Branca, enquanto o Secretário de Estado Colin Powell, retido no Peru, se fazia representar pelo seu Secretário Adjunto, Richard Armitage. Bush disse-lhes que considerava os atentados como um "acto de guerra" e que a luta contra o terrorismo era a nova prioridade da sua administração⁵. Quando regressou a Washington, o Presidente falou aos seus concidadãos para anunciar que ia punir tanto os agressores, como quem os tivesse apoiado: "Não faremos distinções entre os terroristas que cometeram esses actos e aqueles que os albergam". Depois, numa segunda reunião do Conselho de Segurança Nacional, já na Casa Branca, o Director da CIA, George Tenet, confirmou que Osama Bin Ladin era o responsável pelos atentados⁶.

No dia 12 de Setembro (Quarta-feira), Bush ouviu o *briefing* da CIA, acompanhado pelo Procurador-Geral e pelo Director do FBI, e voltou a reunir o Conselho de Segurança Nacional, alargado aos responsáveis da Justiça, do Tesouro e dos Transportes, no *Cabinet Room*, antes de receber os dirigentes do Congresso. O Congresso vai aprovar uma resolução que autorizava o Presidente a usar a força armada "contra os responsáveis pelos ataques contra os Estados Unidos"⁷.

A missa em memória das vítimas, no dia 14 de Setembro (Sexta-feira), na National Cathedral de Washington, com a presença do Presidente George W. Bush, dos antigos Presidentes George H.W. Bush, Bill Clinton, Gerald Ford e Jimmy Carter, de quase todos os membros do Congresso, de todo o Governo, dos Chefes militares, dos juizes do Supremo Tribunal, do Corpo diplomático e das famílias das vítimas, foi o primeiro

⁵ Condoleezza Rice (2011): 76.

⁶ George W. Bush (2010): 134. Condoleezza Rice (2011): 77.

⁷ Dick Cheney (2011): 336.

acto público colectivo de resposta aos atentados. Por decisão de Bush⁸, na cerimónia preparada por Laura Bush e Karen Hughes estavam presentes representantes das várias religiões, incluindo o Imam Muzammil Siddiqi da Sociedade Islâmica, o Rabbi Joshua Haberman, o Pastor Billy Graham, o Cardeal Theodore MacCarrick e o Pastor Kirbyjon Caldwell, de Houston. A celebração terminou com o “Battle Hymn of the Republic”, o Hino da Guerra Civil, cantado na sua versão original – “As He died to make men holy, let us die to make men free”, em vez da versão corrente, que reza “**As** He died to make men holy, let us *live* to make men free”⁹.

Nesses primeiros dias, os Estados Unidos receberam manifestações de solidariedade de toda a comunidade internacional. O Presidente George Bush, nas suas memórias, menciona, por essa ordem, Tony Blair, Jean Chrétien, Silvio Berlusconi, Jiang Zemin, Gehrard Schroeder, Jacques Chirac, Junichiro Koizumi e Ariel Sharon¹⁰. Cheney, Rumsfeld e Rice referem a decisão inédita da NATO, que invocou por unanimidade, pela primeira vez na sua história, o Artigo V do Tratado de Washington - e enviou cinco AWACS para patrulhar o espaço aéreo norte-americano. Rumsfeld, antigo Representante Permanente em Bruxelas, escreveu nas suas memórias que “nunca lhe tinha passado pela cabeça que a NATO pudesse um dia avançar para defender os Estados Unidos”¹¹. No Conselho de Segurança das Nações Unidas, os outros quatro membros permanentes estavam preparados para reconhecer que os Estados Unidos tinham sido objecto de uma agressão e podiam legitimamente exercer o seu direito de defesa. Mas nenhum dos responsáveis norte-americanos se referiu sequer às Nações Unidas nos seus relatos do “11 de Setembro”.

A nova estratégia contra o terrorismo

O primeiro passo na formulação de uma estratégia de resposta foi dado quando Condoleezza Rice convocou o *Deputies Committee* do Conselho de Segurança Nacional, para preparar a reunião do Conselho de Segurança Nacional marcada pelo Presidente para o fim-de-semana de 15 e 16 de Setembro, em Camp David.

O *Deputies Committee* reuniu no dia 13 de Setembro (Quinta-feira), com a presença, entre outros, de Rice, Armitage, Paul Wolfowitz, Secretário Adjunto da Defesa e do General Richard Myers, Vice-Presidente do *Joint Chiefs of Staff*. De acordo com o relato de Douglas Feith, Sub-Secretário da Defesa, “o *staff* de Rice” apresentou três

⁸ George W. Bush (2010): 145-146.

⁹ Condoleezza Rice (2011) : 83.

¹⁰ George W. Bush (2010) : 140-141, 145.

¹¹ Donald Rumsfeld (2011). *Known and Unknown. A Personal Memoir*: 350. Nova York: Sentinel.

opções para responder aos atentados: primeira opção: os Estados Unidos atacam a al-Qaida, no pressuposto improvável de que os dirigentes Taleban estão dispostos a cooperar com os norte-americanos; segunda opção: os Estados Unidos atacam a al-Qaida e os Taleban, no caso destes não estarem preparados para cooperar ; terceira opção: os Estados Unidos atacam não só a al-Qaida e os Taleban mas tomam também medidas "para eliminar a ameaça iraquiana" ¹².

Segundo a mesma fonte, Armitage apoiou a segunda opção para provocar uma “onda de choque” que pudesse “desfazer a rede mundial” dos terroristas. Wolfowitz recusou qualquer das opções e queria um novo documento para deixar claro que a finalidade da acção militar dos Estados Unidos não era punir os responsáveis pelo “11 de Setembro”, mas atacar os que podiam lançar o próximo “11 de Setembro”. O Secretário-Adjunto considerava errada uma concentração excessiva na al Qaida e no Afeganistão pois “o próximo ‘11 de Setembro’ podia vir de outras organizações e de outros lugares na rede terrorista global¹³. Myers era contra qualquer acção militar precipitada, tal como Rumsfeld, que temia que uma intervenção rápida, por pressão do Presidente, fosse demasiado fraca ou pudesse fracassar.

No dia 14 de Setembro (Sexta-feira), Rumsfeld mandou preparar um "strategy memo" para enviar ao Presidente e aos outros membros do Conselho de Segurança Nacional, nas vésperas de Camp David. O documento escrito por Douglas Feith e Peter Rodman definiu o inimigo e os "war aims" dos Estados Unidos. O inimigo foi definido como “o terrorismo contra os Estados Unidos e os nossos interesses e o apoio de Estados a esse terrorismo” (Ambos admitiram classificar o inimigo como uma ideologia e usar o termo “Islão radical” ou “extremismo islâmico”, mas não o quiseram fazer até terem a certeza sobre as origens do ataque do “11 de Setembro”¹⁴. Rumsfeld, nas suas memórias, lamenta que o inimigo não tenha sido identificado desse modo, em vez de ser "vagamente" definido como o terrorismo¹⁵. Feith diz que a fórmula "war on terror" foi necessária na altura, quando não se sabia ainda se a lista dos inimigos dos Estados Unidos ia incluir o IRA ou as FARC e a Coreia do Norte, além da Al Qaida, do Iraque ou da Líbia ¹⁶).

¹² Douglas Feith (2008). *War and Decision. Inside the Pentagon at the Dawn of the War on Terrorism*: 48. Nova York : Harper. Condoleezza Rice não faz nenhuma referência a esta reunião, nem às propostas atribuídas ao seu *staff*.

¹³ Douglas Feith (2008): 49.

¹⁴ Douglas Feith (2008): 50.

¹⁵ Donald Rumsfeld (2011): 360.

¹⁶ Douglas Feith (2008): 9.

No documento da Defesa, a definição de inimigo era aberta e não se limitava a identificar os responsáveis pelo “11 de Setembro” : os Estados Unidos deviam confrontar “toda a rede de Estados, entidades não-estatais e organizações que praticam ou apoiam o terrorismo contra os Estados Unidos e os nossos interesses, incluindo os Estados que albergam terroristas. Todas essas organizações e Estados, colectiva e individualmente, constituem uma ameaça”¹⁷. No mesmo sentido, o documento alargava a definição dos "war aims" para incluir, antecipadamente, quer o Iraque, quer a Líbia e a Síria, os quais, com toda a probabilidade, não tinham nenhuma ligação com o “11 de Setembro”, bem como para fundamentar a guerra preventiva como o método da nova estratégia: “Os Estados Unidos não podem tolerar o apoio continuado ao terrorismo, independentemente de se poder estabelecer uma ligação específica aos que perpetraram os horrores do World Trade Center e do Pentágono. O objectivo não é a punição mas a prevenção e a defesa”¹⁸.

De resto, Feith e Rodman defendiam a "terceira opção": os "immediate priority targets for initial action" deviam incluir a al-Qaida, o Afeganistão e o Iraque. O Iraque estava incluído por representar uma ameaça de "WMD terrorism"¹⁹ : por definição, uma “estratégia global contra o terrorismo teria de responder às ameaças de Saddam, tal como de qualquer outro regime que apoiasse o terrorismo e procurasse obter armas de destruição massiça”²⁰. O propósito da campanha contra o Iraque seria “desestabilizar um regime que pratica e apoia o terrorismo, possui armas de destruição massiça e está a desenvolver novas armas, ataca as forças norte-americanas quase diariamente e em geral ameaça interesses vitais dos Estados Unidos”²¹. A Líbia e a Síria estavam identificados como problemas que deviam ser resolvidos pela "diplomacia coerciva" e não pela intervenção militar.

Rumsfeld e Wolfowitz valorizavam a questão do Iraque contra a posição de Powell e Armitage, que queriam concentrar-se no Afeganistão. O Secretário da Defesa pretendia incluir nos documentos preparatórios uma nota sobre as coligações para conter o entusiasmo do Departamento de Estado, que queria incorporar o maior número de aliados e parceiros nas operações militares norte-americanas, os quais poderiam "limitar a liberdade de acção do Presidente dos Estados Unidos" impondo condições políticas para a sua participação²². (Rumsfeld refere uma conversa com

¹⁷ Douglas Feith (2008) : 50.

¹⁸ Douglas Feith (2008) : 50.

¹⁹ Douglas Feith (2008) : 50.

²⁰ Douglas Feith (2008) : 48-49.

²¹ Douglas Feith (2008) : 52.

²² Douglas Feith (2008) : 51.

Benjamin Netanyahu, que o avisou contra os perigos de formar de formar uma "aliança permanente" e, no dia 22 de Setembro, o Secretário da Defesa mandou uma nota ao Presidente em que incluía a sua máxima célebre : "The mission must determine the coalition. The coalition ought not to determine the mission"²³).

Nas vésperas da reunião de Camp David, a nova estratégia internacional estava esboçada nas suas grandes linhas. Em primeiro lugar, os Estados Unidos declaravam-se em "guerra contra o terrorismo" e iam mobilizar todos os seus recursos políticos, diplomáticos e militares para atacar as organizações terroristas islâmicas (e arredores) e os Estados que protegiam e sustentavam as organizações terroristas e que mantinham programas ilegais de produção de armas de destruição massiça, como o Iraque, a Líbia e a Síria, entre outros. A "guerra contra o terrorismo" era a nova prioridade da política internacional dos Estados Unidos.

Em segundo lugar, a "guerra contra o terrorismo" defendia e privilegiava uma doutrina preventiva, incluindo a guerra preventiva, como modo de neutralização da ameaça terrorista, nomeadamente a possibilidade de um Estado inimigo armar uma organização terrorista com armas de destruição massiça para atacar indirectamente os Estados Unidos (as ameaças biológicas dominaram Washington nas semanas a seguir ao "11 de Setembro", sem nunca ter sido identificada a sua origem).

Em terceiro lugar, a "guerra contra o terrorismo" definia uma nova estratégia de alianças. Por um lado, desvalorizava as "alianças permanentes", como a NATO, e não queria aceitar os condicionamentos impostos pelas coligações (ou pelas instituições multilaterais) que podiam limitar a liberdade de acção dos Estados Unidos. As coligações deviam ser restritas e formadas caso a caso, e não deviam poder definir colectivamente uma estratégia conjunta na luta contra as redes terroristas. Por outro lado, reclamava uma frente de todos os Estados na "guerra contra o terrorismo" para isolar os Estados ligados às redes terroristas. Essa grande coligação incluía a China, a Índia e a Rússia, bem como a maior parte das autocracias árabes, a começar pela Arabia Saudita, o Egipto e a Argélia, numa "frente única" contra o extremismo jihadista que só excluía, à partida, o Iraque, a Síria e a Líbia.

Finalmente, a "guerra contra o terrorismo" impôs a concentração da estratégia internacional dos Estados Unidos no "Grande Médio Oriente", que se vai prolongar durante os dez anos seguintes, dominados pelas guerras do Afeganistão e do Iraque.

²³ "A missão deve definir a coligação, a coligação não deve decidir a missão". Donald Rumsfeld (2011) : 354.

O Conselho de Guerra de Camp David

Condoleezza Rice e George Tenet referem-se à reunião do Conselho de Segurança Nacional no dia 15 de Setembro (Sábado), em Camp David, como um *War Council*²⁴, ou um *War Cabinet*²⁵, numa referência forte à nova linha da “guerra contra o terrorismo”²⁶.

Estavam presentes o Presidente, o Vice-Presidente e os Secretários de Estado e da Defesa - os quatro membros oficiais do Conselho de Segurança Nacional -, os dois *advisors* formais do Conselho - o Presidente do *Joint Chiefs of Staff*, que ainda era o General Hugh Shelton, e o Director da CIA - e a Conselheira de Segurança Nacional, Condoleezza Rice, bem como outros participantes convidados, incluindo Paul Wolfowitz e o Chefe de Gabinete da Casa Branca, Andrew Card. Os principais responsáveis da segurança dos Estados Unidos estavam presentes em Camp David.

O debate entre os participantes era previsível e antecipou clivagens futuras. Rumsfeld deixou para Wolfowitz a defesa da estratégia iraquiana, criticada quer por Powell, quer por Tenet, que se queriam concentrar na al-Qaida. Segundo o relato de Rice, o Secretário-Adjunto da Defesa teria argumentado que o Iraque era estrategicamente mais importante do que Afeganistão e que “a guerra no Afeganistão seria muito mais complicada do que uma intervenção frontal contra um verdadeiro Exército como o de Saddam”²⁷. Mas Wolfowitz estava momentaneamente isolado. O próprio Dick Cheney, um defensor tenaz da deposição de Saddam Hussein, defendeu que a primeira resposta devia ser contra a al-Qaida, responsável pelos atentados, e o Afeganistão, onde estavam os "santuários" da rede terrorista e se tinham preparado os atentados e treinado os seus executores²⁸.

Em Camp David, George Tenet apresentou o "war plan" da CIA - o título da sua apresentação era "Destroying International Terrorism"²⁹- centrado no ataque à al-Qaida e na deposição dos Taleban - ou, em todo o caso, do Mullah Omar, que rejeitou uma abertura tentativa de Bush quando declarou que Osama bin Ladin não era

²⁴ Condoleezza Rice (2011) : 80, 81, 86.

²⁵ George Tenet (2007). *At the Center of the Storm. My Years at the CIA*: 177. Nova York : HarperCollins.

²⁶ A palavra "guerra" parece ser obrigatória no título dos capítulos sobre o “11 de Setembro” nas memórias dos principais responsáveis norte-americanos : o Presidente ("War Footing"), o Vice-Presidente ("A Nation at War"), o Secretário da Defesa ("War President"), o Director da CIA ("We're at War"), a Conselheira de Segurança Nacional ("War Planning Begins"). O livro do Sub-Secretário da Defesa Douglas Feith chama-se "War and Decision".

²⁷ Condoleezza Rice (2011) : 86.

²⁸ George W. Bush (2010) : 190. Dick Cheney (2011) : 334.

²⁹ George Tenet (2007) : 177-179.

responsável pelo “11 de Setembro”³⁰. O isolamento do Afeganistão, mobilizando todos os seus vizinhos, incluindo o Paquistão, o Irão e a própria China, além do Kazaquistão, da Turquemenistão, da Kirguízia e do Tajiquistão, entre os quais só o Uzbequistão podia ser considerado como um aliado de confiança, era prioritário. A intervenção no Afeganistão devia ser feita ao lado dos opositores do regime dos Taleban - a Aliança do Norte e, se possível, também os chefes Pashtun e mesmo os rivais de Omar³¹. O Presidente reviu-se nesse plano: “Juntando as nossas forças à oposição local, evitávamos aparecer como conquistadores ou ocupantes. A América ia ajudar o povo Afegão a libertar-se a si próprio”³². Paralelamente, a CIA queria perseguir a al-Qaida em mais de noventa de países.

Tenet estava preparado, mas o General Shelton, aparentemente, não tivera tempo para elaborar um plano de contingência adequado às novas circunstâncias. As suas três opções - retaliação com mísseis de cruzeiro, retaliação com mísseis de cruzeiro e bombardeiros, retaliação com mísseis de cruzeiro, bombardeiros e "boots on the ground" - ou eram demasiado parecidas com a velha estratégia anti-terrorista, ou precisavam de meses para ser executadas, numa altura em que o Presidente Bush, segundo o director da CIA, andava a "cem à hora" e só estava interessado em quem fosse capaz de o acompanhar a essa velocidade ³³.

As clivagens de Camp David eram políticas e institucionais. Rumsfeld e Wolfowitz queriam transformar o “11 de Setembro” numa nova estratégia internacional dos Estados Unidos e, para isso, era preciso alargar a “guerra contra o terrorismo” *urbi et orbi*, incluindo os Estados com programas ilegais de produção de armas de destruição massiva, como o Iraque, o Irão, a Líbia, a Síria (e a Coreia do Norte) e não apenas os Estados onde se localizavam os “santuários” dos terroristas, como o Afeganistão ou o Sudão, que não representavam inimigos à altura dos Estados Unidos. O inimigo principal dos Estados Unidos era o Iraque de Saddam Hussein, o "Estado renegado" que continuava a desafiar a principal potência internacional e que estava no centro dos equilíbrios de uma região estratégica.

Pela sua parte, as chefias militares norte-americanas não queriam intervir no Afeganistão - o “cemitério dos impérios” - e envolver-se numa guerra de atrito impossível de vencer contra as forças irregulares locais, mas estavam preparadas para travar uma guerra convencional contra as forças armadas iraquianas que não

³⁰ Donald Rumsfeld (2011) : 358.

³¹ George Tenet (2007) : 180-183.

³² Essa prudência elementar foi esquecida logo a seguir na Guerra do Iraque. George W. Bush (2010) : 187.

³³ George Tenet (2007) : 176.

tinham podido vencer decisivamente dez anos antes, quando expulsaram as divisões de Saddam Hussein do Koweit na primeira Guerra do Golfo.

Pelo contrário, a CIA não só estava preparada para apoiar a insurgência afegã, por todos os meios, como queria alargar as suas capacidades para destruir as redes terroristas internacionais da al Qaida. Ao seu lado, Powell e Armitage queriam fazer uma demonstração de força dos Estados Unidos para castigar os responsáveis do “11 de Setembro” e intervir militarmente no Afeganistão para depor a teocracia local e neutralizar os “santuários” da al Qaida. A diplomacia norte-americana podia contar com o apoio geral da “comunidade internacional” para essa operação, bem como para perseguir as redes terroristas islâmicas, que representavam uma ameaça existencial para as autocracias nacionalistas e para as monarquias árabes e eram um problema crítico de segurança para grandes potências como a Índia, a Rússia e a China.

No final, a prioridade da intervenção inicial no Afeganistão impos-se por si mesma, no sentido em que a al Qaida fora reconhecida como responsável pelos atentados do “11 de Setembro”, organizados e preparados no Afeganistão sob a protecção do regime dos Taleban. Politicamente, seria impossível não começar por aí, mas, para Bush e Cheney, essa intervenção era o princípio e não o fim da “guerra contra o terrorismo”. Num segundo momento, a prioridade passaria a ser o Iraque e o “Eixo do Mal”. No essencial, a nova estratégia internacional dos Estados Unidos tinha ficado definida nos seis dias a seguir ao “11 de Setembro”.

Bush tomou as suas decisões no dia seguinte, 17 de Setembro (Domingo): “Íamos travar a guerra contra o terror na ofensiva e a primeira frente seria o Afeganistão. A primeira vaga da guerra contra o terrorismo começa hoje”. A questão iraquiana devia ser resolvida diplomaticamente, se não lhe fossem apresentadas provas convincentes do envolvimento de Saddam Hussein no “11 de Setembro”³⁴. Numa primeira fase, o Presidente estava concentrado no ataque à al-Qaida e na invasão do Afeganistão.

A intervenção militar dos Estados Unidos no Afeganistão e a deposição do regime dos Taleban marcavam uma ruptura com as estratégias anti-terroristas norte-americanas das “duas últimas décadas”³⁵. A ausência de uma resposta séria aos atentados terroristas do passado, como no caso dos atentados da Al Qaida contra as duas Embaixadas norte-americanas na África Oriental em 1998, tinha sido interpretada como um “sinal de fraqueza” e convencido Osama bin Ladin que os Estados Unidos

³⁴ George W. Bush (2010) : 191.

³⁵ George W. Bush (2010) : 190.

eram um "tigre de papel" : “Depois do '11 de Setembro’, eu estava decidido a mudar essa impressão”³⁶.

Essa determinação assentava numa prioridade simples e evidente. O “11 de Setembro” re-definiu o mandato do Presidente George W. Bush, que, nesse dia, passou a ser um “Wartime President”³⁷, cuja prioridade era impedir, por todos os meios, a repetição dos atentados terroristas que tinham revelado, pela primeira vez desde Pearl Harbour, a vulnerabilidade do território dos Estados Unidos e que tinham posto à prova a própria segurança dos mais altos dirigentes norte-americanos na Casa Branca e em Washington. Essa prioridade manteve-se inalterada até ao fim do seu segundo mandato, sete anos depois e as suas consequências continuam a pesar sobre a política internacional dos Estados Unidos e dos seus aliados.

³⁶ George W. Bush (2010) : 191.

³⁷ É a fórmula de Condoleezza Rice. Donald Rumsfeld também a usa como título do capítulo das suas memórias sobre o "11 de Setembro". Condoleezza Rice (2011) : 504. Donald Rumsfeld (2011) : 349.